
Entrevista de Domingo

Matéria publicada em 13/02/11

Orlando Pozzani Junior

Dedicação integral à engenharia

O engenheiro civil, diretor-regional do Sinduscon, é apaixonado pela área que escolheu e mesmo hoje, aposentado, não se imagina sem trabalhar

Jamile Santana
Da reportagem local

Oswaldo Birke



Perfil

Nome: Orlando Pozzani Junior

Idade: 62 anos

Profissão: Engenheiro civil, membro da Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Mogi (Aeamc) e diretor-regional do Sindicato das Indústrias da Construção Civil (Sinduscon)
Por que Mogi? "Minhas raízes estão aqui"

Pensamento: "A vida é um mistério a ser vivido e não um problema a ser resolvido"

Ele participou de grandes construções, como a do prédio da Suzano Papel e Celulose, em meados dos anos 1960. Atuou como secretário de Obras de Mogi das Cruzes durante o mandato do prefeito Sebastião Cascardo, que havia acabado de inaugurar a rodovia Mogi-Dutra (SP-88), em 7 de maio de 1972.

Mesmo tendo trabalhado em grandes indústrias e viajado pelo mundo, Orlando Pozzani Junior, o engenheiro civil de 62 anos de idade, que atua como conselheiro na Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Mogi das Cruzes (Aeamc) e é fundador e diretor da regional do Sindicato das Indústrias da Construção Civil (Sinduscon), se arrepende de uma das obras que fez: a da própria casa, na Vila Oliveira. Apesar de bem-construída, ele afirma que falta um toque decorativo, que seria adicionado facilmente por um arquiteto. "Parece um caixote com móveis dentro. Coisa de engenheiro que só faz projeto de indústria", justificou. Mas o "deslize decorativo" do próprio projeto doméstico nunca intimidou o engenheiro, que foi secretário de governo aos 26 anos.

Ele gosta de desafios, reconhece que tudo deve ser feito a seu tempo e adora trabalhar. Proprietário da construtora Pozzani, ele troca o aconchegante sofá de sua

sala pela cadeira de escritório e se sente à vontade, até mesmo aos fins de semana. Perdido no meio de projetos industriais, capacetes e outros materiais de trabalho, que só um engenheiro sabe para que servem, ele se sente feliz e realizado. Mas, como tudo na vida, necessita de equilíbrio e o coração bate mais forte quando fala dos netos Lucas e Luana. O ex-aluno da segunda turma de Engenharia da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), em 1973, aprendeu o valor da família enquanto tentava dividir suas "poucas" 24 horas do dia entre sua missão de vida e as pessoas que mais ama. Crítico, ácido e bem-articulado, ele opina sobre tudo e defende um exame para avaliar os alunos antes de inscrevê-los no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP).

Mogi News: Que influências teve para se tornar engenheiro?

Orlando Pozzani Junior: Minha maior influência foi John Ulic Burke, engenheiro americano que dava aulas em Mogi e foi o primeiro presidente da Aeamc. Apreendi muito com ele.

MN: Com tantas funções, como concilia família e trabalho?

Pozzani Junior: Até hoje, preciso conciliar melhor as duas partes. O trabalho exige muito tempo, mas a família é fundamental. Tenho problemas com isso, porque, na minha balança de divisão do tempo, o trabalho ainda pesa mais e isso não pode acontecer. Chega o fim de semana, eu venho trabalhar. Sou igual a um passarinho que foi criado na gaiola. Se você soltar, ele morre, porque não sabe o que fazer. Eu não sei ficar sem trabalho. Já sou aposentado, mas parar de trabalhar está fora de cogitação.

MN: Como foi atuar no setor público?

Pozzani Junior: Estagiei durante três meses na Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), que, na época, nem tinha este nome. Depois, participei da construção do prédio da Suzano Papel e Celulose. Meu pai era muito amigo do então prefeito Waldemar Costa Filho e fui chamado para estagiar na administração municipal. Logo que me formei, fui contratado pela Prefeitura. Fiquei 15 dias como engenheiro e o prefeito Sebastião Cascardo me convidou para ser secretário de Obras. Na época, era Obras e Serviços Urbanos. Eu tinha quase 26 anos. Em dois anos, envelheci dez. Não tinha maturidade para ocupar um cargo desses. Também participei da elaboração do primeiro Plano Diretor, em 1954, que era mais um código de obras, que até hoje não foi aprovado.

MN: Quais eram as principais dificuldades na secretaria?

Pozzani Junior: Era uma cidade de 70 mil habitantes. Na época, a Prefeitura não

tinha nem metade da estrutura que tem hoje. A administração tinha acabado de construir a Mogi-Dutra, então, os caminhões e as máquinas do município estavam todos detonados. Fazíamos aprovação de projetos, manutenção de prédios públicos, projetos de obras públicas, cemitérios e praças e coleta de lixo. Era tudo de uma vez e com uma verba bem reduzida. Quando eu era estagiário, trabalhava em um galpão, com outros rapazes, era aquela bagunça. De uma hora para outra, eu entrei em uma sala com bandeiras do Brasil, de São Paulo e de Mogi atrás de mim, com toda formalidade e a porta sempre fechada com uma secretária na frente. Eu morria de solidão. Pedi as contas.

MN: Se o convite para ser secretário de governo fosse feito hoje, seria diferente?

Pozzani Junior: Hoje, seria tranquilo. Não teria nenhuma dificuldade. Mas deixo bem claro que não quero (risos). Eu não sei quem era o mais inexperiente, eu ou o prefeito que me chamou para ocupar este cargo.

MN: Quando surgiu a Aeamc e quais cargos ocupou nesta entidade?

Pozzani Junior: Atualmente, sou um dos conselheiros. A associação surgiu em 1960. Fez 50 anos em 2010. Em 1974, fui vice-presidente e trabalhei com Marco Antonio Cardoso de Siqueira, que era o presidente da época. Entre 2006 e 2007, fui o presidente da entidade.

MN: Foi nesta época que o projeto de construção do aterro sanitário da Queiroz Galvão estava em discussão?

Pozzani Junior: Eu participei como presidente da associação e como representante na campanha contra o lixão. Não contra o aterro em si, porque é uma obra de engenharia. Mas para não coletar o lixo de São Paulo todo. O aterro é uma forma de tratamento do lixo, mas cada um tem de cuidar do seu e esse cuidado começa em casa. Não adianta misturar tudo no mesmo saco de lixo. Tem de separar, reaproveitar e colocar no aterro só aquilo que não tem jeito mesmo. Então, o local acaba recebendo uma pequena quantidade de lixo.

MN: Como você avalia o desenvolvimento do setor de construção civil em Mogi?

Pozzani Junior: Acredito que o maior desenvolvimento aconteceu depois de 2001, no governo de Junji Abe (ex-prefeito de Mogi e atual deputado federal pelo DEM). A construção da Mogi-Bertioga (SP-98) e a duplicação da Mogi-Dutra trouxeram muito progresso, sem perder a qualidade de vida dos mogianos. A cidade é um paraíso no meio de São Paulo. A Serra do Mar de um lado e a do Itapeti do outro. É o pulmão

verde do Estado.

MN: O que acha do boom imobiliário incentivado pelos programas do governo federal?

Pozzani Junior: Foi bom, mas vejo mais defeito que virtude. Tudo o que o PT pregou o Lula fez diferente. Estes programas foram mais marketing para a eleição que trabalho efetivo.